

ESPAÇOS BRINCANTES PÚBLICOS DA CIDADE DE CRUZÍLIA-MG: UM ESTUDO SOBRE O BRINCAR NA INFÂNCIA

PUBLIC PLAYING SPACES IN THE CITY OF CRUZÍLIA-MG: A STUDY ON PLAYING IN CHILDHOOD

¹Geovana Sasso

Universidade Federal de Lavras

geovana.sasso@estudante.ufla.br

²Luciana Azevedo Rodrigues

Universidade Federal de Lavras

luazevedo@ufla.br

RESUMO

Educação para emancipação, arquitetura e tecnologia parecem estar distantes uns dos outros. Considerando o mundo tecnológico como é hoje, este artigo vislumbra-se na reflexão de como estes assuntos se entrelaçam, no sentido de apontar algumas conexões. Para tal, se propõe observar nosso ser como indivíduo que pertence a um tempo-espaço coletivo demarcado por uma arquitetura destinada, em sua maior parte, centralizada na vida adulta instrumentalizada que exclui a criança de muitos espaços de convivência. Ao mesmo tempo em que o ambiente não favorece a interação das crianças com o mundo adulto ao seu redor, as tecnologias abraçam as mídias e estas podem também silenciar ainda mais as vozes infantis. Este trabalho busca observar a relação das crianças com os espaços públicos destinados para brincar, as vantagens de tê-los na cidade interiorana de Minas Gerais. Refletir através de textos da teoria crítica, em Walter Benjamin e Christoph Türcke, o poder da mídia e o enclausuramento constante das crianças quando elas têm contato precoce com os artifícios high-techs.

Palavras-Chave: Espaços Brincantes. Parquinhos. Mídias Digitais. Infância.

ABSTRATC

Education for emancipation, architecture and technology seem to be distant from each other. Considering the technological world as it is today, this article reflects on how these subjects intertwine, in the sense of pointing out their connections. Repairing our being as an individual who belongs to a collective time-space demarcated by an architecture destined, for the most part, centered on

¹ Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal de Lavras

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), mestra em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), Professora associada da Universidade Federal de Lavras

instrumentalized adult life that excludes the child from many spaces of coexistence. At the same time that the environment does not favor the interaction of children with the adult world around them, technologies embrace the media and these can also further silence children's voices. This work seeks to observe the relationship between children and public spaces intended for playing, the advantages of having them in the interior city of Minas Gerais. Reflect through critical theory texts, in Walter Benjamin and Christoph Türcke, the power of the media and the constant confinement of children when they have early contact with high-tech artifices.

Keywords: Playing Spaces. Playgrounds. Digital Media. Infancy.

Introdução

A espécie humana é caracterizada pela produção cultural e compartilha entre seus sujeitos experiências nos seus grupos sociais. Dentre os diversos grupos existentes, as crianças formam um grupo de produção cultural ímpar e formas próprias de participação social. O desenvolvimento da criança é o resultado de experiências sociais e suas consequentes aprendizagens. A qualidade no desenvolvimento infantil se estabelece através de um intenso processo de mudanças biológicas, oportunidades educativas, afetividades com pessoas de seu círculo social e também com o ato de brincar. Os direitos básicos, quantidade e qualidade de estudo, espaços específicos, cuidados com o corpo e mente, relações interpessoais são essenciais para seu melhor desenvolvimento.

Neste trabalho, proponho discutir revisões bibliográficas e componho junto a um diário de campo, um estudo sobre como a cidade e os espelhos da cultura high-tech podem apagar os espaços para brincadeiras infantis. O diário de campo se refere a espaços brincantes públicos da cidade de Cruzília, localizada no estado de Minas Gerais, utilizado para registrar os espaços públicos brincantes. Nele se destaca a arquitetura destinada às crianças, suas limitações e possibilidades para o brincar mas também as potencialidades de seu mero existir e resistir. A configuração dos parques infantis da cidade nem sempre são estimulantes, acessíveis ou até mesmo seguros, mas um dos poucos espaços físicos e públicos disponíveis para o brincar ao ar livre.

A reflexão em torno das observações e registros se pautam no conceito de segunda técnica de Walter Benjamin interpretado por Irving Wohlfarth (2016) e filosofia da sensação de Christoph Türcke (2010), entendendo a relação humana entre os espaços físicos, o brincar e a tecnologia. Ambos autores são de suma importância para este trabalho. Recolhi duas obras principais, sendo o livro “Sociedade Excitada” de Türcke e o artigo do professor da Universidade de Reims, Irving Wohlfarth, em “O jogo e a aposta da “segunda técnica” em Walter Benjamin”.

Benjamin nasceu em Berlim no ano de 1892, não chegou a ir para guerra, contudo,

em seus ensaios releva sua indignação com os usos de armas e todo o sistema opressor vigente. Amante da arte e grande colecionador de pinturas, livros e brinquedos. Após ter contato com o marxismo materialista, escreveu muitos ensaios. Sofreu o antissemitismo da academia alemã nos anos 20 e não iniciou uma carreira na academia. Foi um crítico cultural e literário, bem como seus objetos de pesquisa eram primeiramente a arte contemporânea surrealista, literatura francesa e movimentos de vanguarda. Em 1926 escreveu “Diário de Moscou”, e assim relata o porquê do socialismo dar errado e sua pequena desilusão com o marxismo. Em “Rua de Mão Única”, o autor realça as memórias de infância e a política da Alemanha.

Já TÜRCKE nasceu em 1948, também na Alemanha, porém na atual e mais tecnológica. O filósofo e professor escreveu a obra que me baseio neste artigo na intenção de refletir sobre as consequências que os excessos de telas digitais podem fazer com o corpo humano. Viciar e causar exaustão no nosso sistema nervoso. TÜRCKE, em seu ponto de vista, acreditava que o sentido de sensação foi se alterando durante a história da humanidade, e atualmente que a sensação é um pilar da comunicação entre as pessoas, sendo “aquilo que, magneticamente, atrai a percepção: o espetacular, o chamativo” (TÜRCKE, p.9)

Ambos autores refletem sobre mecanismos culturais de dominação e exploração da sociedade contemporânea. As culturas de massa que atingem todos os sujeitos sociais para alimentá-los de bens e serviços de uma sociedade neoliberal. A propósito, acerca da indústria cultural:

Se desenvolveu com a primazia dos efeitos, da performance tangível, do particular técnico sobre a obra, que outrora trazia a ideia e com essa foi liquidada. O particular, ao emancipar-se, torna-se rebelde, e se erigira, desde o Romantismo até o ex- Expressionismo, como pressão autônoma, como revolta contra a organização. O simples efeito harmônico tinha cancelado na música a consciência da tornou totalidade formal; na pintura, a cor particular tornou-se mais importante que a composição do quadro; o vigor psicológico obliterou a arquitetura do romance. A tudo isso a indústria cultural pôs fim. (ADORNO, p.9)

O provedor de cultura agora utiliza a propaganda e a mídia para vender ideias. Com efeito, somadas aos choques imagéticos indicados na obra de TÜRCKE, vemos um cenário nada favorável para a sociedade, atualmente existindo juntos como o quadro normativo global condutor de todos os indivíduos.

Conforme TÜRCKE (2010) a onipresença das imagens audiovisuais causam uma excitação diária no corpo humano, que leva a pessoa a entrar em processo de vício. O autor revela que tudo o que está na mídia é meticulosamente escolhido com

vistas a impressionar. Escolhido para impressionar, para chocar e causar uma sensação. Ou seja, tudo que é sensacional nas mídias é para produção desta sensação. Pois, quanto mais submetido ao fluxo extenso de imagens audiovisuais o aparato sensorial humano requer cada vez mais intensidade para mobilizar a sensação.

Se tudo o que não está em condições de causar uma sensação tende a desaparecer sob o fluxo de informações, praticamente não sendo mais percebido, então quer dizer que, inversamente, que o rumo vai na direção de que apenas o que causa uma sensação é percebido. (TÜRCKE, p.20)

Walter Benjamin, em sua obra “Reflexões sobre a Criança, o Brinquedo e a Educação” cita a magnitude que é o brincar com brinquedos. Inicialmente, a criança brinca com seu próprio corpo e à medida que a vontade de crescer aumenta, os brinquedos mudam junto com seus significados. “Não há dúvida que o brincar significa sempre libertação. Rodeadas por um mundo de gigantes, as crianças criam para si, brincando, o pequeno mundo próprio.” (BENJAMIN, p.85). E em relação aos brinquedos “Há algo que não pode ser esquecido: jamais são os adultos que executam a correção mais eficaz dos brinquedos - sejam eles pedagogos, fabricantes ou literatos -, mas as crianças mesmas, no próprio ato de brincar.” (BENJAMIN, p.87)

O nascimento, passado pela infância, adolescência e vida adulta, nossa interação com o corpo se modifica. O descobrimento do mundo e dos próprios movimentos se tornam grandiosos. E é na infância, através do ato de brincar com brinquedos ou sem, que a criança apura seu olhar para si próprio e para o entorno.

Talvez Benjamin falasse sobre o olhar da criança para o mundo, já que éramos crianças. Contudo, porquê é tão difícil entrar em contato com nosso antigo olhar? Estar em contato com nossa criança interior não é uma tarefa agradável, pode incomodar e nos fazer reviver certos traumas. Portanto, para este estudo tive de lembrar-me de como é ser criança, aguçar o olhar curioso sob o sensível, o simples, o entorno e as brincadeiras.

A criança e a cidade

A infância, à primeira vista, passa despercebida nas cidades porque toda cidade urbana é focada na mobilidade de automóveis. Dessa maneira, são poucos lugares que oferecem condições para a mobilidade dos corpos, que são experienciadas nas crianças através das brincadeiras infantis. De modo que as encontramos nas escolas, nos parquinhos de bairro e nos grandes parques.

Contudo, é importante ressaltar que nem todas as cidades possuem infraestrutura

ou incentivo financeiro para construção dos espaços brincantes ao ar livre, de forma segura e projetada adequadamente. Caso edificados, estes espaços seriam fundamentais para brincar, aprender e explorar o próprio corpo, o outro e o entorno, momento em que formam vínculos afetivos e experiências das crianças com seus cuidadores e também com a natureza.

Considerando o contexto de uma pequena cidade interiorana, as lembranças da infância geralmente estão ligadas ao contato com mundo natural se movimentando e brincando. Em suas vidas necessitam de uma pessoa adulta que ajuda nos deslocamentos dos locais que é destinada, como sua casa, sua escola, casa de parentes e amigos, shoppings, supermercados, entre outros. Depreende-se, assim, que a pessoa que cuida é encarregada de fazer este deslocamento junto à criança e, quase sempre, os espaços de destino são lugares com muitas paredes. Ou seja, os parques são espaços ideais para haja a ruptura dessas paredes, proporcionando, assim, o contato com o mundo ao ar livre e assumem uma importância que não possuíam quando foram construídos.

Ainda na obra “Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação” no capítulo da “*Rua de mão única*”, Benjamin escreve:

Meditar com pedantismo sobre a produção de objetos - material ilustrado, brinquedos ou livros - que devem servir as crianças é insensato. Desde o Iluminismo isto é uma das mais rançosas especulações dos pedagogos. A sua fixação pela psicologia impede-os de perceber que a Terra está repleta dos mais incomparáveis objetos da atenção e da ação das crianças. Objetos dos mais específicos. É que crianças são especialmente inclinadas a buscarem todo local de trabalho onde a atuação sobre as coisas se processa de maneira visível. Sentem-se irresistivelmente atraídas pelos detritos que se originam da construção, do trabalho no jardim ou em casa, da atividade do alfaiate ou do marceneiro. Nesses produtos residuais elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e somente para elas. Neles estão menos empenhadas em reproduzir as obras dos adultos do que estabelecer entre os mais diferentes materiais, através daquilo que criam em suas brincadeiras, uma relação nova e incoerente. Com isso as crianças formam o seu próprio mundo de coisas, um pequeno mundo inserido no grande. Dever-se-ia ter sempre em vista as normas desse pequeno mundo quando se deseja criar premeditadamente para crianças e não se prefere deixar que a própria atividade - com tudo aquilo que é nela requisito e instrumento - encontre por si mesma o caminho até elas. (2009, p. 103).

A criança busca estabelecer uma relação nova e incoerente. Já a pedagogia busca coerência assim como os aplicativos. Benjamin chama a atenção que é preferível deixar que a atividade por ela realizada encontre por si mesmas o caminho até as

próprias crianças. Portanto, o caminho que oferece a elas, mais descobertas delas mesmas e de sua relação com o mundo das coisas.

Durante minhas visitas semanais no blog ArchDaily, li dois artigos de dois arquitetos diferentes, Romullo Baratto (2014) e Ursula Troncoso (2020), que escreveram algumas perspectivas do brincar das crianças nas cidades. Segundo Baratto (2014), existiu em Amsterdam um protesto de crianças no bairro superlotado de Pijp no ano de 1972. As crianças solicitaram um lugar para brincar, pois o bairro era totalmente moldado para carros e casas. Em 2014, a cidade holandesa é um exemplo de arquitetura democrática, onde todas as calçadas são ampliadas junto com as ciclovias. Sendo assim, faz-se necessário refletir sobre os espaços urbanos quanto à sua configuração. Também no mesmo blog, Troncoso (2020) cita um artigo que leu durante a pandemia.

Em 22 de março, saiu uma matéria no jornal espanhol, El Confidencial, chamada “O Desaparecimento de 7 Milhões de Crianças”. Com esse título um tanto dramático, o filósofo César Rendueles alertava para os problemas sociais, psicológicos e de desenvolvimento que essas crianças estavam sofrendo ao ficarem confinadas em apartamentos sem luz do sol, ar livre e natureza. No texto, ele diz que “estamos acostumados a esperar que as crianças sejam invisíveis, que não atrapalhem, que não façam barulho”, e afirma que a maneira como lidamos com a crise é extremamente “adultocêntrica”: as crianças desapareceram completamente do espaço público e “são agora assunto exclusivamente de suas famílias.

Pode parecer dramático, mas não é uma mentira, uma vez que a pandemia trouxe à tona essas discussões. Muito se ouve falar que antigamente podia-se brincar nas ruas, contudo, o que modificou não foi algo programado pelas crianças, mas sim, as cidades hoje possuem modelos semelhantes ao que encontramos nas propostas da indústria cultural, reservada para o comércio e circulação de grandes transportes.

Movimentos corporais na infância são uma vertente de experiência importante da Base Nacional Comum Curricular. De acordo com a BNCC “Os campos de experiências constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural.”. Ademais, no específico campo de experiências denominado Corpo, Gestos e Movimento:

Com o corpo (por meio dos sentidos, gestos, movimentos impulsivos ou intencionais, coordenados ou espontâneos), as crianças, desde cedo, exploram o mundo, o espaço, e os objetos do seu entorno, estabelecem relações, expressam-se, brincam e produzem

conhecimentos sobre si, sobre o outro, sobre o universo social e cultural, tornando-se, progressivamente, conscientes dessa corporeidade. Por meio das diferentes linguagens, como a música, a dança, o teatro, as brincadeiras de faz de conta, elas se comunicam e se expressam no entrelaçamento entre corpo, emoção e linguagem. As crianças conhecem e reconhecem as sensações e funções de seu corpo e, com seus gestos e movimentos, identificam suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo, ao mesmo tempo, a consciência sobre o que é seguro e o que pode ser um risco à sua integridade física. Na Educação Infantil, o corpo das crianças ganha centralidade, pois ele é o partícipe privilegiado das práticas pedagógicas de cuidado físico, orientadas para a emancipação e a liberdade, e não para a submissão. Assim, a instituição escolar precisa promover oportunidades ricas para que as crianças possam, sempre animadas pelo espírito lúdico e na interação com seus pares, explorar e vivenciar um amplo repertório de movimentos, gestos, olhares, sons e mímicas com o corpo, para descobrir variados modos de ocupação e uso do espaço com o corpo (tais como sentar com apoio, rastejar, engatinhar, escorregar, caminhar apoiando-se em berços, mesas e cordas, saltar, escalar, equilibrar-se, correr, dar cambalhotas, alongar-se etc.). (BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR, p.40-41).

A forma como este campo de experiência se arranja, entende-se que as crianças buscam todas as sensações que as permeiam. Contudo, os locais para brincar são limitados às escolas e quando o espaço é urbano não é projetado adequadamente. Considerando que é uma vertente da BNCC muito consultada por educadores, é preciso que a escola, pais e comunidade se questionem sobre quais lugares têm sido disponibilizados para o brincar na infância e como são organizados. Se existem possibilidades de rastejar, engatinhar, escorregar, alongar e se possível a criança conseguir experimentar sozinha ou acompanhada.

Estes fatores, somadas as mídias digitais que utilizam de instrumentos audiovisuais potentes de persuasão, podem inibir que as brincadeiras com o corpo ocorram de forma ampla, a fim de explorar o mundo e a si mesmo. Com efeito, tiram delas os espaços públicos e inserem dentro de suas casas telas de celulares e televisões, o que denomino de espelhos da cultura high-tech.

Espelhos da Cultura High-Tech

Os pilares deste estudo incluem o olhar para a cidade interiorana, evidenciando os espaços públicos focados no brincar das crianças, e relacionando-os com a importância de percebê-las como sujeitos que necessitam explorar movimentos e que estão em meio e confrontados com nova forma de produção de sensação discutida por TURCKË (2010). Ocorre que a tecnologia desvia e alimenta

percepções, sendo um fato extremamente notório nos tempos atuais.

Durante a pandemia da Covid-19, muito se utilizou tecnologia. Um instrumento maravilhoso de comunicação. Em jornais destacam-se notícias sobre as possibilidades do *home office*. As famílias, nos meses de pandemia, se juntavam à mesa para jantar enquanto estavam enclausuradas em suas casas e apartamentos. Duraram alguns meses para que as dificuldades começassem a surgir nas notícias. Professoras angustiadas com a situação da docência, as crianças sentiam falta de ar puro, de brincar, mover-se com outras crianças. Para remediar a situação, a internet lhes serviu como consolo. Conversam pelas câmeras, por mensagens e jogavam online. Algo que não substitui a interação humana, pelo contrário, seus mecanismos viciam e como qualquer vício, deve ser dosado.

Através da cultura high-tech, com auxílios das telas e suas propagandas, novelas, jogos, séries, filmes, videoclipes, redes sociais, entre outros, adentramos mais profundamente nos produtos da indústria cultural. O efeito terapêutico buscado pelos seres humanos para anestesiar suas sensações de angústia vem sendo buscada há muitos anos. Antes com os vassalos e o álcool durante o período feudal. Atual sociedade com as mídias digitais e redes sociais. Tanto o álcool quanto as mídias soam parecidas no sistema nervoso do nosso cérebro, a propósito:

“Sociedade da Sensação” é o tempo histórico que tem levado ao limite as novas formas de intensificação dos estímulos, por meio de mecanismos high-tech que são verdadeiras drogas. Ou seja, os supercelulares, as formas cada vez mais modernas de enunciação imagética, etc. são ópios que desviam a consciência dos homens de sua situação concreta. Em tal conjuntura, a ideia marxista tradicional da revolução como resultado da contradição gerada pelo desenvolvimento das forças produtivas dá lugar a uma perspectiva muito diferente, que Turcke vai buscar na concepção benjaminiana da revolução como “freio de emergência”. Somente na medida em que o desenrolar desenfreado da sensação seja interrompido, será possível a libertação dos homens do estado anestésico ao qual estão condicionados pelo mundo high-tech. (SANTOS, p. 229).

Durante a pandemia, os problemas dos excessos de telas digitais no corpo infantil passam a ser mais discutidos entre pais e professores. Muito se viu nas redes sociais de mães e pais pedindo algumas dicas de como deixar seus filhos menos estressados. Alguns usavam artifícios da psicologia positiva de Martin Seligman, uma psicologia voltada para validação de sentimentos e estratégias de acordo entre as partes. Seriamente, as telas estão estressando os pequenos e isso tem um motivo, que discuto mais a frente.

Aparentemente crianças e adolescentes lidam bem com a tecnologia, uma vez que

ocorre em razão de nascerem na mesma época que a internet é amplamente difundida, não conseguindo, portanto, em muitos casos distinguir o mundo conectado e o desconectado. Ademais, são os moldes culturais e sociais apresentados atualmente.

O período histórico em questão é de consumo material e se sabe que o indivíduo que consome é apresentado e se considera como mais “relevante”. Grandes corporações e marcas utilizam mecanismos digitais para propagar seus ideais, este bombardeamento de propagandas possui o intuito de criar o desejo *de ser*.

Quem não faz propaganda não comunica; é como uma emissora que não emite: praticamente, não está *aí*. Fazer propaganda de si próprio torna-se um imperativo de autoconservação. Não apenas no nível de firmas, em que ninguém, mesmo no momento, não tenha nada de excitante a oferecer, pode dar-se ao luxo de sair do concerto dos comerciais, porque assim se retiraria da percepção do público. Mesmo em todas as formas de interação humana vale o seguinte: quem não chama a atenção constantemente para si, quem não causa uma sensação corre o risco de não ser percebido. (TÜRCKE, p.37)

O desejo de ser percebido é algo comum aos espelhos, quando buscamos um estamos buscando nos reconhecer. Os espelhos high-tech são artifícios que modificam nossa percepção de si mesmos, eles podem até ter o mesmo formato retangular de um espelho comum mas, são utilizados para praticar nosso enclausuramento neles próprios.

Pelas telas serem altamente viciantes para o sistema nervoso humano, porém muito utilizadas na sociedade moderna. Para além do problema, o que gira em torno e de forma sutil são novas relações de produção e uma arquitetura urbana que nem sempre oferece lugares seguros para o brincar.

Segunda Técnica

As novas relações de produção, alta demanda do comércio, excessos de consumo presume a morte da natureza (WOHLFARTH APUD LÚCAKS, p.13) “as epidemias de superprodução e de guerras de extermínio geral que iriam destruir em massa não somente o seu material mas também o seu próprio “material humano”.” Este material humano, da forma positiva, está relacionado à natureza.

É evidente as consequências da não emancipação das forças produtivas, elas produzem além de seus produtos, o aprisionamento do ser humano em técnicas exploratórias e o descontentamento do mundo

Internet, genoma, biomedicina: as novas forças de (re)produção nascem e envelhecem, geração após geração. Certas tecnologias novas, dentre as quais a internet, tendem certamente a uma utilização coletiva, mas que é usurpada por uma série de grandes sociedades de responsabilidade efetivamente limitada. Google, Microsoft, Coca Cola, Nestlé, Monsanto etc. não somente obtiveram sucesso em privatizar a rede, a água, as sementes etc., mas também ajudam o sistema da democracia liberal a aprisionar as massas. (WOHLFARTH, p.37)

Assegurado de que grandes empresas já comandam todo o mundo digital e a dominação da natureza pelo o homem é explícita, Benjamin refletia para além de seu tempo, sobre um coletivo tecnofísico e que Wohlfarth completa “No restante do tempo ele cochila, uma *lonely crowd* (multidão solitária) de corpos individualizados, transplantados, conectados, grudados em telefones celulares, jogados ao trabalho ou ao desemprego segundo a assim chamada ordem do dia.” (WOHLFARTH, p.37)

Além do colapso ambiental próximo, o destino da arte perde suas forças para a reprodução desenfreada visada para o capitalismo, “somente uma “segunda técnica” poderá salvar a humanidade da destruição que a primeira técnica produz em razão das condições sob as quais é desenvolvida.” (WOHLFARTH, p.16)

A segunda técnica seria a emancipação das forças produtivas (WOHLFARTH APUD BENJAMIN, p.13) “Somente ele pode “conquistar para a revolução as forças da embriaguez – aquelas forças passionais, libidinais da não-produção, ou seja, de uma produção de energias tão vital, senão mais, que a de bens.” A segunda técnica pode ser vista então no próprio ato de brincar, de estar em coletivo e em equilíbrio com a natureza.

Diário de Campo

Em reflexão a esta jornada de estudos levando em consideração algumas experiências pessoais passadas. Hoje aos 25 anos e curso o último ano na graduação de pedagogia. Ademais, no ano de 2016 estive cursando a faculdade de Arquitetura e Urbanismo, na época morava na cidade de São Paulo. Não tive a oportunidade de terminar a faculdade e outros caminhos me levaram à pedagogia. Durante dez meses daquele ano, apurei meu olhar sobre a cidade, a arquitetura e o movimento da sociedade no espaço físico, algo que a partir do momento que foi iniciado não some dos pensamentos tão facilmente. Tanto este olhar juntamente com a teoria crítica social inserida na graduação de pedagogia me ampliou caminhos e abri este estudo a partir das minhas experiências pessoais.

A pesquisa deste trabalho servirá como um mapeamento dos espaços públicos destinados às crianças da cidade de Cruzília em Minas Gerais. Deste modo, é

possível fornecer uma abertura para o diálogo para além da universidade, além de ampliar o debate sobre a tecnologia presente cotidianamente nas vidas infantis. Busco observar de que forma estes obstáculos interferem no modo da criança enxergar seu próprio ser.

A cidade que é berço de minhas observações está localizada no sul de Minas Gerais, tipicamente mineira e interiorana. Seu nome, Cruzília, advém de uma modificação da palavra “encruzilhada”, justamente um dos primeiros nomes daquele local. Lar de quase 16.000 habitantes tem em suas raízes a proximidade com a antiga Estrada Real do Brasil Colônia e fazendas centenárias.

Quando vemos diariamente crianças brincando na rua e se misturando com elementos do espaço físico urbano, significa que há outras gerações anteriores cuidando para que isso permaneça. Quando os espaços não são oferecidos e cuidados, pode significar uma má distribuição dos lugares ou até mesmo a desigualdade social.

“Quando se planeja a ocupação do espaço urbano é imprescindível pensá-lo para as pessoas, pois, as cidades são movidas por dinâmicas de toda ordem (...) que devem ser compreendidos como “sujeitos” e não como “objetos” do planejamento.” (MAIA, 2021, p.4)

Após a leitura do texto “Roteiro sentimental para o trabalho de campo” de Flávia Ferreira Pires, inspirei-me em fazer também um diário de campo e buscar por espaços públicos brincantes na cidade de Cruzília- MG, ocasião em que registrei fotografias e observações. Nesse sentido, a autora percussora incentiva:

O diário de campo é um instrumento poderoso na pesquisa antropológica. Estejam sempre com ele a postos (não necessariamente em mãos, para evitar a natural curiosidade daqueles que se sabem observados) e reservem um momento ao longo do dia para relatar os acontecimentos passados. (PIRES, 2011)

Tarde de domingo no mês de janeiro do ano de 2022, um dia fresco e o sol estava ameno. Procurei por brincadeiras. Aproveitei para ir de motocicleta, de modo que minha primeira parada foi no lugar que mais vezes observei cheio de adolescentes brincando. Tratava-se do bairro Kennedy, local onde existe uma quadra de futebol e uma pista de skate.

Figura 1 - Entrada do parque no bairro Kennedy



Fonte: Fotografia da autora(2022)

Atentei-me, primeiramente, que na entrada do parque havia um pequeno folheto impresso com os horários de funcionamento. Demais, observei muros longos, chão gramado e uma guarita, onde fica o guarda responsável por abrir e fechar o parque. Gostaria de entrevistá-lo, porém, ele estava cochilando. Como disse anteriormente, este parque é sempre o mais ocupado, exclusivamente com adolescentes.

Figura 2 - Quadra com balanços e escorregadores no bairro Kennedy



Fonte: Fotografia da autora(2022)

À direita da entrada, a quadra é bem assistida por muitos garotos jogando futebol. Havia banheiros, lixeiras e um pequeno bebedouro. À frente os balanços, um brinquedo de escalada e um escorregador, todos vazios. Notório que as crianças pequenas não ocupam este lugar. Outros dias que o visitei percebia o mesmo cenário vazio. Em dias de chuva, mesmo com a quadra coberta, crianças não brincavam neste local.

Figura 3 - Pista de skate no bairro Kennedy



Fonte: Fotografia da autora(2022)

No referido bairro se localiza o maior espaço brincante público da cidade. Sua quadra é utilizada durante os dias da semana por alunos da escola municipal que fica ao lado. Ademais, tanto a pista de skate quanto a quadra são bem compartilhadas entre os adolescentes que moram no bairro em dias de sol e poucos nublados. Havia, ainda, alguns garotos sentados na sombra conversando e os pais olhando os filhos nas tentativas de andar de skate e de patins na pista. Entretanto, neste domingo de observação, ainda não presenciei crianças pequenas nos espaços, situação semelhante no parque do bairro Imperial, que é próximo ao bairro Kennedy e fotografado a seguir.

Figura 4 - Parque no bairro Imperial



Fonte: Fotografia da autora(2022)

Apesar do belo dia, não achei crianças brincando no local. Este parque de madeira é obra da prefeitura, apesar de não possuir guarita ou mesmo uma placa informativa. O local é convidativo, porém, reparei que não havia árvores por perto para fazer sombras, tampouco bebedouros, além de apenas um banco para descanso. Todos os brinquedos são de madeira, o que permite brincadeiras mesmo com exaustivo calor de dias quentes. Além do mais, existem torres e casinhas, escadas e teias de corda para subir.

Figura 5 - Escorregadores no bairro Imperial



Fonte: Fotografia da autora(2022)

O único banco está localizado ao fundo da fotografia acima, em um pergolado vazado, o que não ajuda tanto em dias de muito sol.

Figura 6 - Formigueiro no parque no bairro Imperial



Fonte: Fotografia da autora(2022)

O parque do bairro Imperial é um dos mais interessantes por ser gramado e os brinquedos serem de madeira, contudo, não é seguro levando em consideração a quantidade de formigueiros que encontrei no solo. Cruzília é uma cidade conhecida por, algumas vezes no ano, ter muitos insetos peçonhentos nas ruas, ocasião que proporciona motivos para não ter crianças frequentando o local.

Figura 7 - Campo de futebol no bairro Olária



Fonte: Fotografia da autora(2022)

No bairro mais afastado do centro da cidade, encontrei um campinho de areia. Diferentemente da quadra citada anteriormente, esta não é coberta e, por consequência, encontrava-se poças de água da chuva do dia anterior. Além disso, as crianças jogam bola no mesmo espaço que os cães que brincavam entre si.

Figura 8 - Parquinho no bairro Ventania



Fonte: Fotografia da autora(2022)

O último parquinho de bairro na cidade de Cruzília fica próximo a um local de eventos destinado à exposição de cavalos. O espaço em tamanho é grande, bem como o gramado e as sombras das árvores faz do local um lugar fresco em estações de alta temperatura. Entretanto, os brinquedos “não existem mais”. Observa-se nas fotos que os ferros dos brinquedos encontram-se deteriorados, inclusive, com os balanços destruídos e enferrujados. Além disso, destaco uma situação presenciada que reflete as condições do parquinho: uma garota que passeava com dois adultos perto da baía dos cavalos disse: *“Mãe! Quero ir no parquinho!”*. Sendo assim, aproximando-se dos brinquedos, tornou-se nítido a decepção em seu rosto quando a situação precária do local.

Figura 9 - Entrada do parquinho no bairro Ventania



Fonte: Fotografia da autora(2022)

Figura 10 - Visão lateral do parquinho no bairro Ventania

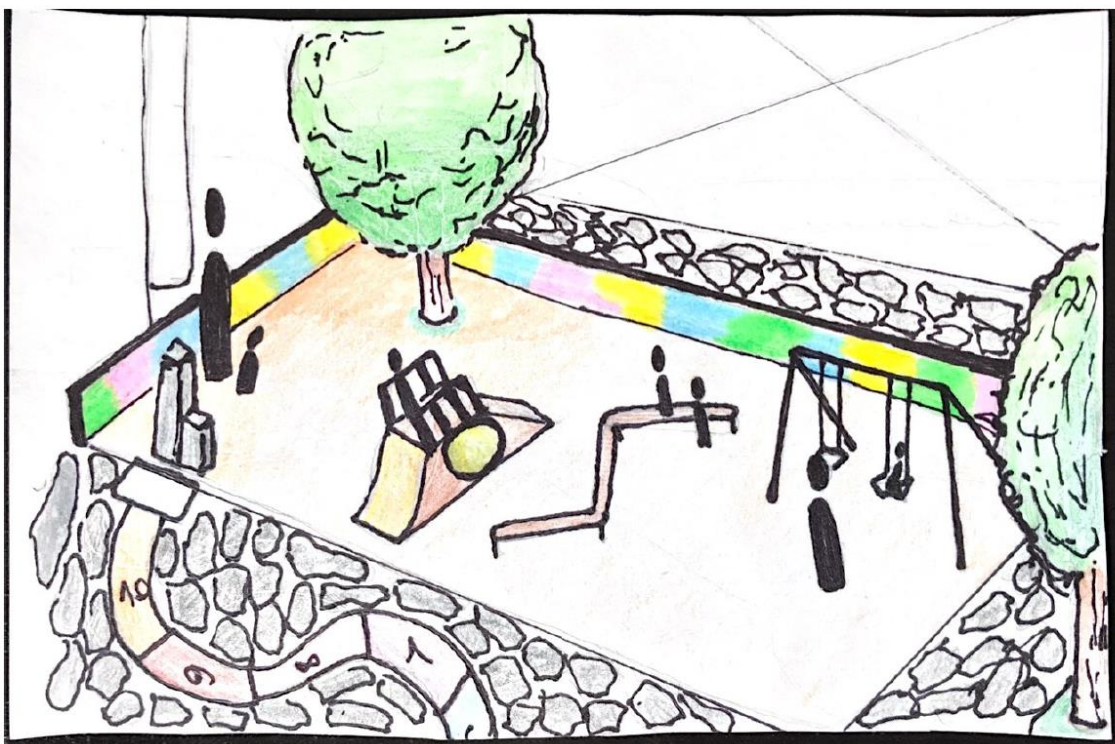


Fonte: Fotografia da autora(2022)

Após fazer todos meus registros fotográficos, retornei para os mesmo locais em dias diferentes, no geral aos finais de semana. Os domingos e os sábados são rodeados de falas como “hoje não tem nada na rua” e “cidade fantasma”, como minha família materna é de lá, receio que ouvi isso diversas vezes. As crianças já não brincam tanto nas ruas, o fluxo de caminhões e bitrens aumentou durante os anos, as famílias saem de casa aos domingos para ir à igreja e o comércio é amplamente fechado já aos sábados ao meio dia. Provavelmente as crianças se despedem uma das outras na sexta-feira após horário escolar para se reencontrar nas segundas-feiras.

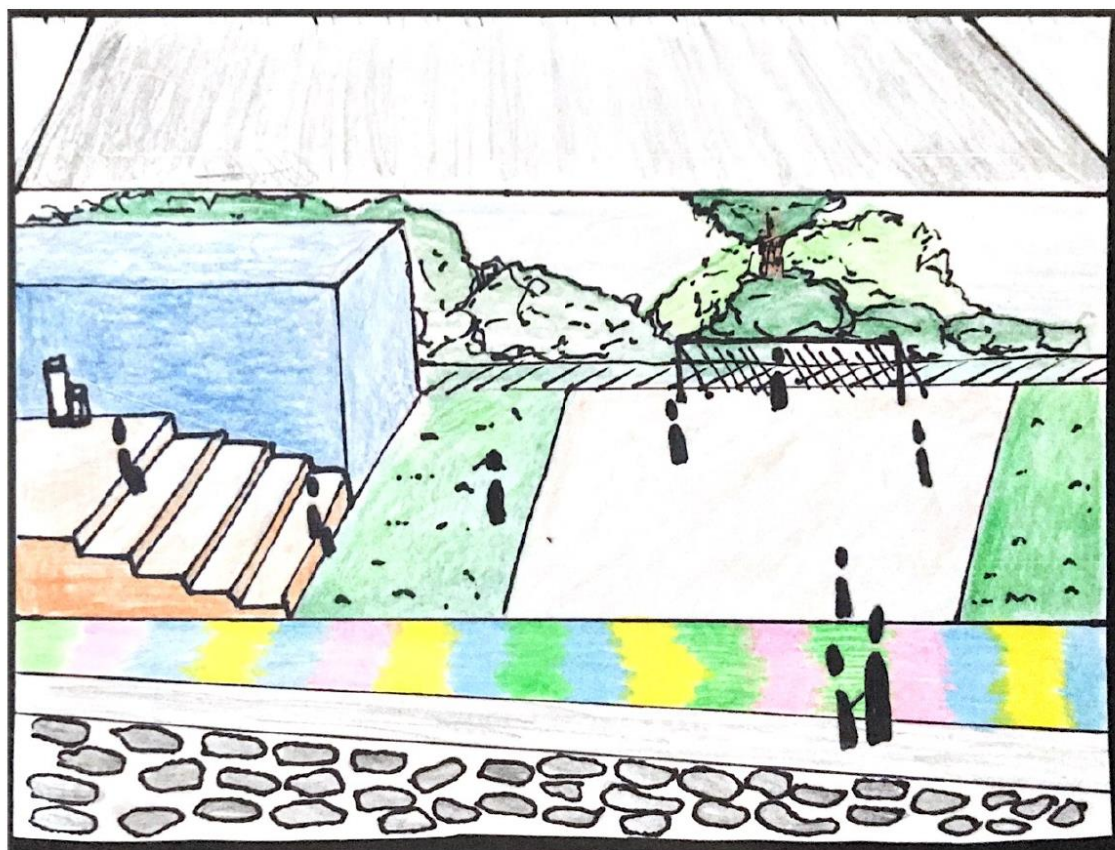
Meus retornos aos parquinhos de bairros eram quase sempre o mesmo cenário visto nas fotos, com poucas pessoas e silenciosos. Em dezembro de 2022, o parquinho da Ventania (figura 10) foi enfim desativado, ainda fico na esperança de vê-lo como um espaço brincante.

Tive a ideia de redesenhar os espaços com uma visão mais positiva para o brincar. Um exercício de criatividade que busco mostrar através de desenhos/croquis, uma visão convidativa e brincante para parquinhos da cidade de Cruzília - MG. Os croquis são fontes inesgotáveis para exposição de ideias, eles carregam a assinatura da pessoa que o faz e é uma excelente fonte de registros espaço-visuais. A ideia dos croquis não é tornar algo "imperfeito" perfeito, mas decifrar possibilidades de um espaço público cuidado e útil. Não possuem a regra de serem milimetricamente desenhados na escala correta, os dedos desenharam o que os olhos enxergam ou melhor, que a imaginação enxerga.



O croqui acima representa uma ideia, imaginação relacionada a Figura 2. O parquinho do bairro Kennedy possui uma quadra coberta e pista de skate, no espaço de balanços imaginei um local para crianças bem pequenas e pequenas. Bebedouros de água, escorregador baixo com uma toca, um caminho de madeira um pouco acima do solo,

para exercitar o equilíbrio. Balanços para bebês. Até mesmo o chão pode se tornar uma amarelinha, caso feito o desenho sob ele. As escadas humanas desenhadas refletem o que não vi naquele espaço deixado de lado, a presença de pessoas.



O croqui acima é uma ideia para a Figura 7, imaginei uma arquibancada para o campo de futebol, bebedouros de água, uma grama cuidada próximo ao campinho de areia e um telhado sobre suas cabeças, não apenas para a proteção em dias de chuva mas a proteção em dias muito quentes. Um muro colorido trás o convite para o espaço.



O croqui acima é uma ideia para a Figura 9, considerando todo o espaço verde disponível, sombras e gramado o próprio cenário é muito convidativo para o brincar. Tirando todos os brinquedos enferrujados, imaginei um domo geodésico para o espaço. As crianças costumam gostar dos domos geodésicos e são super interessantes porque são versáteis quanto as possibilidades de brincadeira, incentivam a coragem e autonomia dos pequenos e são de fácil montagem. Este espaço é grande suficiente para a brincadeira com bolas, cordas e corridas.

Considerações finais

A comunicação entre pessoas sempre foi um objeto interessante de estudos, é possível enxergar de longe os avanços da tecnologia no que se refere à interação social, possibilidades de fazer registros, transmissão de heranças culturais, transmitir conhecimento, etc. Até que elas se consagram em uma comunicação em grande massa através das rádios, tvs e jornais. A partir dos anos 60 surgem novas fórmulas para atrair a atenção do grande público e que trazem uma falsa representação social.

Essa demanda de massa permite que as grandes mídias possam persuadir e criar um ponto de vista padronizado na sociedade. A interface simplificada e a possibilidade de se conectar com pessoas do outro lado do mundo foi o pulo da cultura high-tech. A ideia de segunda técnica pode nos ajudar a entender e buscar o equilíbrio entre natureza humana, ecologia, tecnologia e arquitetura para auxílio e manutenção de uma educação emancipatória, do cuidar de uma geração mais nova e zelar por toda sua integridade.

Os parquinhos sem manutenção constante representam um risco para as crianças e desperdício de espaço público que deveria estar sendo utilizado, principalmente para brincadeiras infantis, visto que a brincadeira ao ar livre é uma fonte importante de conhecimento de mundo para as crianças. Portanto, há uma intenção e planejamento para que seja feito um pedido de revitalização dos parquinhos da Cruzília, no intuito de exercer uma cidadania ativa pensando no bem estar coletivo de todos seus cidadãos.

Referências

ADORNO, THEODOR W. & HORKHEIMER, MAX. **A indústria cultural. Iluminismo como mistificação das massas**. In: Lima, Luiz Costa (org.). Teoria da cultura de massas. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982

BARATTO, R. **As crianças que lutaram para tirar os automóveis de seu bairro**. 2014. ArchDaily Brasil. Acessado 2 Fev 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A Nova Razão do Mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. 1 ed. São Paulo. Editora Boitempo, 2016.

LOCKMANN, K. **Goveramentalidade neoliberal facista e o direito à escolarização**. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 15, e2015408, p. 1-18, 2020. Disponível em: <<https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>>. Acesso em:

PIRES, F, F. **Roteiro sentimental para o trabalho de campo**. Cadernos de campo, São Paulo, n. 20, p. 143-148, 2011.

TRONCOSO, U. **Outras cidades impossíveis: uma perspectiva da criança sobre a pandemia**. 2020. ArchDaily Brasil. Acessado 2 Fev 2023. <<https://www.archdaily.com.br/br/940660/outras-cidades-impossiveis-uma-perspectiva-da-crianca-sobre-a-pandemia>> ISSN 0719-8906

TÜRCKE, C. **Sociedade Excitada**: filosofia da sensação. [São Paulo, SP]. UNICAMP Editora. 2010. 328 p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS. Biblioteca Universitária. **Manual de normalização e estrutura de trabalhos acadêmicos: TCCs, monografias, dissertações e teses**. 2. ed. rev., atual. e ampl. Lavras, 2016. Disponível em: <<http://repositorio.ufla.br/jspui/handle/1/11017>>. Acesso em: data de acesso.

WINNICOTT, D. **O brincar e a realidade**. [São Paulo, SP]. Ubu Editora, 2020. p.73-90.

WOHLFARTH, I. **Spielraum. O jogo e a aposta da “segunda técnica” em Walter Benjamin**. Limiar. vol. 3, nº. 6, 2016.